

# FATOS JORNALÍSTICOS, ACONTECIMENTOS E DISCURSOS: REFLEXÕES SOBRE OS CADERNOS DE POLÍCIA

Alda Cristina Costa<sup>1</sup>  
Kristopher Jon-Samuel<sup>2</sup>

## RESUMO

*Fatos, discursos e acontecimentos são elementos que se inter cruzam no fazer jornalístico, gerando interdiscursos com a finalidade de criar uma relação com o público leitor. A razão de ser do jornalismo é dar aos fenômenos sociais o caráter de acontecimento, considerando os critérios de noticiabilidade e visibilidade. Ou seja, a noticiabilidade é o conjunto de elementos que forma o aparato informativo que vai controlar e administrar a quantidade e o tipo de acontecimentos que devem ser selecionados e transformados em notícias para os leitores. O presente artigo tem como objetivo analisar como os cadernos policiais dos jornais Diário do Pará e O Liberal constroem discursivamente a violência como acontecimento e/ou fato jornalístico. Consideramos que fatos jornalísticos e discursos possuem estatutos distintos, mas com semelhanças a aproximações quando o jornalismo é tomado nas páginas impressas como discurso. Neste sentido, analisamos que a violência, tomada como objeto pelos dois veículos paraenses, assume construções diferenciadas de sentidos, mesmo considerando o fato único abordado. Na análise, selecionamos, aleatoriamente, quatro cadernos de Polícia (dois de cada jornal), do mês de março de 2012.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Fato jornalístico. Acontecimento. Discurso. Violência. Caderno Polícia.

---

1 - Coordenadora do projeto de pesquisa *Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia paraense*; professora do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e da Faculdade de Comunicação.

2 - Graduando em Comunicação Social - Jornalismo (UFPA) e bolsista PIBIC do Projeto *Mídia e Violência: narrativas midiáticas na Amazônia paraense*. e-mail: kristopher.samuel@hotmail.com

## Considerações Iniciais

Os jornais impressos paraenses O Liberal e Diário do Pará são uns dos últimos veículos a manterem em suas edições a editoria de polícia com formatos de jornalismo popular, que apela às imagens e manchetes sensacionalistas com a finalidade de atrair e seduzir o público leitor. Diariamente, os paraenses ao abrirem as páginas dos respectivos cadernos, principalmente o Diário do Pará, ainda se deparam com imagens que chocam e questionam a noticiabilidade dos fatos divulgados.

Na presente escrita, tomamos como objeto de análise os dois impressos, levando em consideração que eles constituem o corpus de investigação do projeto de pesquisa *Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense*, realizado na Universidade Federal do Pará/Faculdade de Comunicação em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O artigo objetiva refletir sobre o “encontro” produzido pelo fazer jornalístico entre fato, acontecimento e discurso nas matérias construídas sobre violência. Neste alinhavo, recorreremos a Ponte quando se vale do pensamento de Foucault para compreender os conhecimentos criados ou reproduzidos pelas notícias:

*Apesar de serem escassas as suas referências ao jornalismo, o olhar de Michel Foucault (1976) sobre o conhecimento não como objeto ontológico mas como processo, constituído por enquadramentos conceituais em construção discursiva contínua, estimula a atenção aos conhecimentos criados ou reproduzidos nas notícias, com disputa de significados por parte de fontes de informação, jornalistas. Também na sua concepção de ordem de discurso, os procedimentos discursivos de exclusão e de imposição podem ser mobilizados na apreciação da cultura jornalística (PONTE, 2005, p. 17).*

O jornalismo se constituiria assim, como campo que reivindica as competências de produzir verdades sobre o real. Por outro lado, a realidade dos indivíduos são experienciadas na sua relação com os meios de comunicação. Como afirmam Medistch e Sponholz (2011), ao prefaciarem o livro “O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais”, “curiosamente, a maioria das pessoas que dizem que o jornalismo se tornou obsoleto continua sendo usuária de produtos jornalísticos, mesmo tendo agora todo o outro conteúdo da internet como alternativa” (2011, p. 23).

É nesta linha de discussão que selecionamos os jornais impressos, por representarem ainda, apesar do anúncio quase sempre de sua morte, referenciais para as pessoas no consumo das informações. As notícias publicadas constroem sentidos para o público leitor. Notícia seria a narração de um fato, enquanto que o acontecimento é a percepção do fato em si ou da notícia. Ou como escreve Alsina (2009, p. 14), “a notícia é uma representação social da realidade cotidiana, gerada institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível”.

Ao conceituar acontecimento, Alsina (2009) vai designar três termos que teriam implicações nos acontecimentos sociais: acontecimento informativo, acontecimento jornalístico e acontecimento-notícia. Para o autor, um fenômeno se torna acontecimento quando um sujeito aplica, sobre o fenômeno, uma percepção específica, derivada das normas de um ecossistema ao qual o acontecimento sempre está relacionado: “O ecossistema, ou melhor dizendo, suas normas, é fundamental para definir um fato como acontecimento” (ALSINA, 2009, p. 140).

Nesse sentido, recorremos à metodologia da análise do discurso da escola francesa. Para Foucault (1969), o discurso constitui uma série de acontecimentos presentes numa dimensão histórica e com materialização na linguagem sob a forma de enunciados. E também a discussão empreendida por Márcia Benetti sobre acontecimento e discurso.

*O acontecimento jornalístico e o acontecimento discursivo possuem estatutos distintos, mas são conceitos que podem ser aproximados, e mesmo confundidos, quando o jornalismo é abordado como discurso. Porém, nem todo fato é um acontecimento jornalístico, bem como nem toda enunciação é um acontecimento discursivo (BENETTI, 2009, p.1).*

O fazer jornalístico acaba assumindo uma prática discursiva na contemporaneidade, quando especificamente na editoria de polícia, busca construir sentidos com objetivo de ‘falar’ uma linguagem que seja repetitiva e repleta de outros sentidos para o público leitor.

### Os jornais impressos paraenses

O Liberal e o Diário do Pará são jornais concorrentes, que disputam desde a década de 1980, através das Organizações Romulo Maiorana (ORM) e Rede Brasil Amazônia de Comunicação (RBA), o mercado das comunicações no estado do Pará. Essa disputa passou a ser mais acirrada a partir de 2006, quando o Instituto Brasileiro de Opinião (Ibope) divulgou pesquisa em que o Diário do Pará teria assumido a liderança, do jornal mais lido no Estado.

O jornal O Liberal foi fundado na década 1940, pelo então governador do Estado, Magalhães Barata e serviu de escudo aos ataques políticos da “Folha do Norte”, do

jornalista Paulo Maranhão. A história desse jornal será modificada a partir de 1966, quando o empresário Romulo Maiorana, proprietário de uma grande rede lojista, como o jornal O Liberal.

Já no início da década de 1970, O Liberal já era considerado o jornal mais lido do Estado. Um ano depois, a família Maiorana adquire o jornal “Folha do Norte”, da família Maranhão, e transfere as instalações de O Liberal para o prédio, no centro de Belém. O jornal conta com uma tiragem média de 42 mil exemplares durante a semana e aos domingos, este número chega a dobrar.

Em 1982 entra em circulação o jornal Diário do Pará com a finalidade de dar sustentação política a Jader Barbalho, que foi eleito pela primeira vez, governador do Estado, pelo então, Movimento Democrático Brasileiro (MDB), depois de liderar a oposição local ao regime militar.

A partir da eleição de Jader e de seu crescimento no cenário político regional e nacional, o Diário do Pará começa a crescer e disputar o mercado editorial com O Liberal. O Diário começa a inovar na sua proposta editorial, lançando produtos ou cadernos de aproximação com o público, principalmente das classes C, D e E. E é nessa linha que o impresso vai criar duas novas editorias, em 2000 e 2003: de esporte com o caderno “Bola”, o formato tabloide e que se dedica apenas à cobertura de esportes, nacional e local; e o caderno de “Polícia”, no formato popular, utilizando imagens e textos com apelo à violência e jargões vulgares ou típicos da polícia (AZEVEDO e NOGAMI, 2011, p. 21)<sup>3</sup>.

### A violência como fato jornalístico

Nos últimos anos, uma das grandes preocupações com o fazer jornalístico, principalmente nas editorias de polícia, forma, conteúdo e linguagem utilizados pelos jornais impressos na cobertura de eventos que tratam sobre o fenômeno violência, têm sido questionados, considerando quase sempre o apelo que fazem ao sensacionalismo, à espetacularização e à banalização dos fatos.

Observamos que a violência passou a

ser uma notícia dominante e mais disseminada do que outros assuntos aos olhos da mídia, e consequentemente a preocupação com esse fenômeno social aumentou exponencialmente, uma vez que tem sido gerada uma cultura do medo entre as pessoas, a partir das inúmeras matérias produzidas, seja nos veículos impressos ou televisivos.

Nas análises realizadas, focamos nossas reflexões nesse fazer jornalístico em que se misturam fatos, acontecimentos e discursos, nas construções das matérias dos cadernos polícia

*Discute-se, inclusive, a diferença entre “acontecimento midiático” e “acontecimento existencial”. É importante notar a complexidade deste assunto, pois o “acontecimento” é o que garante “noticiabilidade” para determinados fatos sociais na pauta jornalística. (LAIGNIER, 2009, p. 235).*

Nos impressos paraenses ainda constatamos a máxima “Se tem sangue, vira manchete”, conforme reza o antigo lema dos jornais populares – aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta”. (SONTAG, 2003, p. 20). Destacamos que os fatos (LAIGNIER, 2009, p. 235) vão sendo selecionados no cotidiano para integrarem o dispositivo “jornal”, tornando-se notícia a partir de um recorte que privilegia aqueles “acontecimentos” que chocam a sociedade, seja pelas imagens ou pelos textos.

Nos cadernos de polícia do Diário do Pará e O Liberal, a violência vem exposta em média de 8 a 14 páginas, dependendo do dia, com notícias sobre crimes que ocorrem, principalmente, na periferia das cidades paraenses. Diferente do jornal Diário do Pará, que privilegia sempre violência urbana ocorrida na periferia de Belém, o jornal O Liberal distribui as matérias entre crimes locais, nacionais e internacionais. Na nossa escrita, analisaremos apenas a matéria que terá chamada de capa nos cadernos polícia dos dois periódicos paraenses.

### O fato jornalístico e a violência

Em primeiro lugar precisamos definir e delimitar o conceito do fato. De acordo

4 - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 2009, intitulado “Os jornais impressos e o conflito entre os interesses públicos e privados” por Giseli Nogami e Gabriela Azevedo, na Universidade da Amazônia sob orientação da professora Alda Cristina Costa.

com Sponholz, o fato do ponto de vista ontológico pode ser considerado como aquilo que existe, o ser e o dado bruto, enquanto do ponto de vista epistemológico daquilo que se conhece, o resultado da atualização da recepção dos estímulos vindos do mundo exterior (SPONHOLZ, 2009, p. 57). Neste sentido, podemos dizer que existe o fato tal como acontece e o fato construído pelos meios de comunicação. Porém, no campo do jornalismo, o fato é definido e muitas vezes como sinônimo de acontecimento e notícia. São três elementos diferentes que podem se complementar.

O acontecimento constrói o fato jornalístico, mas esse discurso jornalístico é representado como um recorte da realidade, não a realidade em si. O fato, como produto jornalístico de acordo com Sponholz, é um recorte da realidade. É preciso que este recorte feito pelo jornalismo se aproxime da realidade ou tenha veracidade para o público. Ou seja, por mais que os jornalistas façam recortes da realidade, no sentido que eles relatam um acontecimento, é evidente que esta realidade é uma representação.

O acontecimento, segundo Sponholz é frequentemente utilizado como sinônimo de fatos quando se trata de falar sobre ocorrências no mundo exterior a nós. Esta definição do acontecimento é bastante ontológica, mas no campo do jornalismo o acontecimento é mais epistêmico, pois ele é uma construção. O autor Adriano Rodrigues (apud BENETTI, 2009, p. 3) define o acontecimento jornalístico como “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais”. Tomando isso como pressuposto, podemos então estabelecer uma relação entre o acontecimento jornalístico e a notícia, embora nem toda notícia deva ser considerada como um acontecimento jornalístico.

O conjunto dos acontecimentos jornalísticos que se tornam notícias, forma um determinado discurso para seus leitores. Sob o ponto de vista do Foucault, o discurso é considerado:

*como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma for-*

*mação discursiva („um discurso é um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva”), para Foucault, a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. (...) O discurso seria concebido, dessa forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. (BRANDÃO, 2004, p.33).*

A formação deste discurso, de acordo com Foucault é feito por um conjunto de regras que forma uma prática social que por fim constitui a sociedade como um todo por meio de relações

*Uma formação discursiva consiste de regras de formação para o conjunto particular de enunciados que pertencem a ela e, mais especificamente, de regras para a formação de objetos, de regras para a formação de modalidades enunciativas e posições do sujeito, de regras para a formação de conceitos e de regras para a formação de estratégias (FOUCAULT apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 65).*

Nas matérias analisadas dos cadernos de polícia dos dois jornais impressos parenses, é possível perceber a construção dos sentidos nesse recorte da realidade, principalmente nas manchetes, que são alteradas para formar um discurso que não privilegia a seriedade do fenômeno violência. Se tomarmos alguns aspectos da semiótica, mesmo não sendo objeto deste artigo, constatamos uma diferença entre o objeto imediato, que é a representação do acontecimento e o objeto dinâmico, que é o acontecimento em si.

*(...) Uma declaração sobre uma coisa não pode ser a coisa em si. Assim como uma foto de uma montanha não é a montanha em si, uma declaração descritiva sobre um acontecimento não é o acontecimento em si. Isto significa que toda proposição é uma figura, uma imagem de um fato, ou seja, algo mediado por um sujeito co-*

*nhecedor” (SPONHOLZ, 2009, p. 57).*

Constatamos assim, que a comunicação participa na formação e não mudança da realidade, portanto, as manchetes presentes nos cadernos ativamente alteram a realidade do acontecimento, pois os jornalistas banalizam, desprezam e trivializam o acontecimento, os acusados e as vítimas envolvidas. Ou naquilo que escreve Traquina, a construção da notícia implica a utilização de “enquadramentos” (frames), conceito utilizado por Goffman (1975), no sentido de organizamos a vida cotidiana para compreendermos e respondermos às situações sociais. “Aplicado no estudo das notícias, o enquadramento é um dispositivo interpretativo que estabelece os princípios de seleção e os códigos de ênfase na elaboração da notícia, na construção da “estória” (TRAQUINA, 2000, p.28).

#### **Sentidos e seleção dos fatos**

A noticiabilidade é determinada por um conjunto de critérios de relevância que estão ligadas à organização do trabalho, sobre as quais se constroem convenções profissionais que determinam a definição de notícia, legitimam o processo de produção e contribuem para prevenir as críticas do público. Assim, a noticiabilidade equivale a introduzir práticas de produção estáveis aos acontecimentos do mundo, o que está vinculado ao conceito de perspectiva da notícia. Em outras palavras, é o conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção de notícias. Na seleção dos eventos a serem transformados em notícias, os critérios de relevância funcionam conjuntamente, sendo as diversas relações e as combinações que se determinam entre diferentes valores/notícia. Mas como ficaria a noticiabilidade da violência nos jornais impressos?

O gatekeeping na concepção de Shoemaker e Vos “é um processo de seleção e transformação de vários pequenos pedaços de informação na qualidade limitada de mensagens que chegam às pessoas diariamente, além de ser o papel central da mídia na vida pública moderna” (2011, p. 13). Com a teoria do gatekeeping, dia-

logamos com os pressupostos levantados por Mauro Wolf (1999) e de Pamela Shoemaker (2011). O ‘gatekeeping’ é interpretado como o processo em que a tábua de várias mensagens é reduzida e disseminada ao público nos jornais e na televisão. A teoria é válida na área de comunicação e do jornalismo, sobretudo, na sociedade moderna, uma vez que o público é bombardeado por uma imensa gama de informações, e com esta teoria é possível indicar o raciocínio usado para a seleção das informações publicadas pelos emissores. É importante lembrar que todas as mensagens disponíveis hoje em dia, não podem ser disseminadas porque o espaço da disseminação é limitado. Nos jornais existem as limitações do papel e na televisão existe a limitação do tempo; portanto, será utilizado o ‘gatekeeping’ em várias partes da produção de notícias e na disseminação delas.

#### A formação dos discursos nos Cadernos de Polícia

A formação discursiva dos cadernos polícia dos jornais impressos paraenses, „Diário do Pará“ e „O Liberal“, é organizado a partir da descrição de um campo de enunciados a ela associado, em que os conceitos “surgiram e circulam” (Fairclough, 2001, p. 71).

Para entender como os conceitos são formados sobre a violência nos jornais impressos, identificamos, primeiro, como a violência é tratada nos dois, a partir das matérias publicadas nos mesmos. Identificamos que há uma diferença no tratamento da violência nos dois periódicos, com a utilização de expressões, tratamento das pessoas envolvidas, acusado ou vítima, assim como os sentidos criados e o uso da linguagem sensacionalista ou não para atrair os leitores.

No jornal O Liberal, percebemos uma construção que se aproxima de um fazer jornalístico preocupado com a questão ética. Já o Diário do Pará apela ao aspecto banal, trivial e descomprometido, com um tratamento vulgar de vários elementos na formação discursiva.

Nos dois jornais, em algumas edições, os fatos são abordados de forma idêntica. Embora considerando que os fatos sejam organizados e apresentados em cada jornal, o acontecimento ou fato jornalístico apresentado ao público não apresenta grandes variações.

A violência abordada como fato jornalístico nos cadernos polícia é sempre a violência da periferia. As periferias de Belém e sua grande área metropolitana são os

atores e lugares a serem registrados nesses espaços. A periferia seria assim, um ambiente perigoso, parece que somente nessas áreas reside a violência ou os sujeitos que cometem. Somente a pobreza seria responsável por essa violência, sem os jornais fazerem a leitura dos outros contextos que constituem a violência na sociedade. Ao retratar os fatos, principalmente o jornal Diário do Pará, vai trabalhar uma linguagem que deprecia o envolvido, fazendo na maioria das vezes, uma correlação entre a sua condição e o local em que foi encontrado morto, utilizando ironias, relações com ficções, sejam novelas ou filmes, e discriminando o sujeito do seu discurso.

Ao entrevistarmos o editor do jornal O Liberal, Lázaro Cardoso, indagamos sobre o porque do veículo ainda trabalhar a editoria de polícia com apelo dramático e popular, o jornalista respondeu “o caderno (policial) só existe porque ele é o mais lido. Você vai extinguir o que é mais lido? Do ponto de vista administrativo, não”, sentenciou. Continuou, “o caderno existe porque o público quer que exista”.

Por exemplo, abaixo são manchetes documentadas de duas diferentes edições dos cadernos policiais do Diário do Pará e O Liberal.

Figura 01 - Descrição das construções

	O Liberal	Diário do Pará
Manchete	Assassinado em Marituba	Policial Militar é liquidado ao tentar impedir execução
Foto	A foto mostra o corpo no asfalto, com traços de sangue visíveis e um carro da polícia civil no fundo	A foto mostra dois corpos no chão, coberto por um pano branco ensanguentado.
Fonte	Polícia Militar	Polícia Militar e testemunhas
Bairro	Distrito Industrial, Ananindeua	Vila do Carmo, PA-140.

Elementos Abordados nos jornais de 12 de Março de 2012

Figura 02 - Descrição das construções

Jornais	Fato jornalístico	Acontecimento	Discurso
O Liberal	Assassinado em Marituba. Lei do Silêncio atrapalha as investigações	Um homem foi morto com tiros em Distrito Industrial	Discurso mais literal do fato, com apelo ao sensacionalismo.
Diário do Pará	O policial militar foi ‘liquidado’ à bala ao intervir em uma execução	Um policial militar tentou impedir um homicídio, mas foi morto.	Discurso sensacionalista e chamativo para os fins de vender sem nenhum respeito com a vítima.

Elementos Abordados nos jornais de 12 de Março de 2012

Figura 03 - Descrição das construções

	O Liberal	Diário do Pará
Manchete	Acidente mata motoqueiro	Motociclista acerta caminhão e morre na hora
Foto	A foto mostra a moto destruída em cima do corpo coberto por um pano, com três policiais no fundo	A foto mostra a moto destruída em cima do corpo com traços de sangue na pista
Fonte	Polícia Rodoviária Federal, Testemunhas.	Polícia Rodoviária Federal, Testemunhas.
Bairro	BR-316 Marituba	BR-316 Marituba

Notícias de 14 de Março de 2012

Figura 04 - Descrição das Construções

Jornais	Fato jornalístico	Acontecimento	Discurso
O Liberal	O acidente mata o motoqueiro após bater a motocicleta que conduzia contra uma caçamba.	Um motoqueiro morreu em um acidente na BR 316, em colisão com um caminhão.	Discurso crítico das condições péssimas das rodovias no Pará
Diário do Pará	O motoqueiro perdeu controle da moto e teve morte instantânea quando ele acertou o caminhão. O choque foi tão forte que pedaços da vítima ficaram na pista	Um motoqueiro morreu em um acidente na BR 316, em colisão com um caminhão.	Discurso sensacionalista e apelativo para persuadir o público, usando manchetes agressivas e fotos ensanguentadas

Elementos abordados nos Jornais de 14 de Março de 2012

O discurso construído pelos jornais impressos sobre a violência é na maioria das vezes sensacionalista ou apelativo. O uso de manchetes agressivas, irônicas, preconceituosas, e de fotos com sangue ou com um cadáver exposto ressalta a citação no livro da autora, Susan Sontag “Se tem sangue, vira manchete”. A linguagem conotativa usada nas páginas do Caderno Polícia frequentemente revela os critérios de relevância obvio na escolha das matérias publicadas. Porém, o discurso construído pelos diferentes jornais impressos no mercado paraense, mostra os critérios de relevância usados na escolha das matérias publicadas.

As atividades discursivas são produzidas por um sujeito social, que é responsável pela enunciação, organização e compartilhamento desses discursos. Assim, esses sujeitos sociais, não são isolados e nem independente desse discurso, por fim posicionando esse sujeito social.

*A principal tese de Foucault com respeito à formação de modalidades enunciativas é a de que o sujeito social que produz um enunciado não é uma entidade que existe fora e independentemente do discurso, como a origem do enunciado (seu autor /sua autora), mas é, ao*

*contrário, uma função do próprio enunciado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 68).*

Continua afirmando que Foucault atribui um papel fundamental para o discurso na constituição dos sujeitos sociais. Por implicação, “as questões de subjetividade, identidade social e domínio do eu devem ser do maior interesse nas teorias de discurso e linguagem, e na análise discursiva e linguística” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 69).

A partir do momento que o discurso é enunciado, podemos deduzir o posicionamento do sujeito social por meio de análise das particularidades nas modalidades enunciativas formado por si. Por exemplo, o discurso construído pelos jornais impressos sobre a violência é na maioria das vezes sensacionalista ou apelativo, inferindo que a linguagem utilizada busca falar, na avaliação do veículo, com o público que gosta daquele tipo de notícia. Ou seja, as expressões ou os sentidos construídos seriam próprios dos sujeitos a quem os cadernos se destinam. A violência é mais um item a ser noticiado com a finalidade de venda ou de persuadir um público com “uma realidade que seria sua” (grifo nosso). Os jornais estariam apenas reproduzindo fatos que acontecem no dia a dia

dessa periferia. A formação do discurso nesses periódicos é claramente negativa e preconceituosa. Nas notícias apresentadas pelo caderno polícia do Diário do Pará há uma alteração de sentidos na construção discursiva, pois o acontecimento ganha um destaque em que, ora o jornal brinca com a desgraça, ora o jornal discrimina os sujeitos envolvidos, ora o jornal apela para seduzir o público leitor, sem, contudo, apontar aspectos importantes do problema social.

A violência passa a ser um fenômeno originado da e pela periferia, e tem “contaminado” as áreas mais abastadas da sociedade. Percebemos um discurso produzido em que ficam latentes a divisão social e não a desigualdade social.

O jornal impresso o Diário do Pará na cobertura e na publicação de um acontecimento violento explora o uso da linguagem irônica, preconceituosa e agressiva. Na seleção das fotos publicadas o jornal expõe, quase sempre nas suas páginas, os corpos dos envolvidos, preferencialmente sem vida e com marcas de violência, ou seja, com a presença de sangue, espaços destruídos pelo ato violento ou cenas que remetem a essas marcas. Quando não é possível ter imagens das pessoas, o jornal

## Referências

- ALSINA, Miguel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 1996.
- BENETTI, Marica. 2009. O jornalismo como acontecimento. In: REBEJ - Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo 39 Ponta Grossa, v.1, n.9, p. 09-39, jan. a jun. 2012.
- ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7., São Paulo, Anais SBPJor..., p. 1-17, 2009.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*/Norman Fairclough; Izabel Magalhães, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- LAIGNER, Pablo. *Por uma teoria do jornalismo: Muniz Sodré em busca dos elementos que compõem o acontecimento midiático*. Revista Matrizes, n. 1, p.233-240, aug-dez 2009.
- PONTE, Cristina. *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular, 2005.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *O Acontecimento*. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e histórias*. Lisboa: Vega, 1993.
- SHOEMAKER, Pamela J e VOS, Tim P. *Teoria do gatekeeping: construção e seleção da notícia*; Porto Alegre: Penso, 2011.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003
- SPONHOLZ, Liriam. *O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo*. Revista Galáxia, São Paulo, n.18, p. 56-59, dez 2009.
- TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e . 2. ed*. Lisboa: Vega Editora, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*; tradução: Grupo de Estudos sobre Ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PURCS. - 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação de Massa*; 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

recorre às ilustrações ou desenhos irônicos e exagerados para chamar a atenção do leitor. Destacamos aquilo que analisa Benetti (2009, p. 14) ao trabalhar o jornalismo como acontecimento, dizendo que:

*É por meio de “um olhar macrossociológico, visualizamos em seu discurso a repetição de determinados conceitos. É provável que, ao lado do interesse sobre os temas relativos ao comportamento – nos quais a política se reduz ao âmbito individual –, nossa época possa ser compreendida, por exemplo, pela valorização exacerbada dos atos insignificantes das celebridades, pelo discurso que distancia o cidadão dos centros de decisão política e pelo desejo mobilizado por objetos de consumo instituintes de posição social. Também, por outro lado, talvez nossa época possa ser compreendida pela especialização, pelo crescimento com a preocupação ambiental e com os avanços da ciência. Não são exatamente as temáticas que definem a permanência discursiva, e sim os sentidos construídos reiteradamente (2009, p. 14-15).*

Enquanto no jornal O Liberal, quando as notícias são de crimes locais, quando a foto é mais forte ou apelativa, a manchete é mais suave; quando a manchete é apelativa, a foto é mais simples, sem corpo ou com corpo coberto. Constatamos assim, um meio termo para compensar o exagero de um ou do outro. O caderno sempre coloca nas suas edições fotos dos acusados, preferencialmente nus da cintura para cima. Mas a apresentação do discurso da violência periférico é presente e forte no caderno policial.

## Breves Reflexões

O presente artigo não é conclusivo, mas são reflexões iniciais levantadas a partir do mapeamento dos jornais impressos paraenses, realizado dentro do projeto de pesquisa Mídia e Violência: as narrativas midiáticas na Amazônia Paraense, em parceria entre Universidade Federal do Pará/Faculdade de Comunicação e o Conselho Nacional de Desenvolvimento-CNPq. Na construção de um fato jornalístico apontando com base na teoria do gatekeeping, as interfaces na seleção das notícias que serão publicadas para os leitores, o jornal O Liberal adota aspectos diferenciados da construção da notícia no seu caderno polícia, em comparação ao Diário do Pará; mas ambos, privilegiam não o conteúdo e forma da notícia e seu impacto na sociedade, mas conteúdo e forma passam a serem seleções de intencionalidade com objetivo de manter o público leitor do caderno, por meio de vendas dos seus jornais. Os dois periódicos seguem uma lógica do mercado, que visa à preocupação das vendas do produto do que o seu impacto negativo na sociedade.